

Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 1 - Nº 1 – Setembro/Outubro - 2011

A INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS ENTRE OS ALUNOS: UMA PESQUISA SOBRE O BULLYING NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM

Palmiana Lovati Diorio

Centro Universitário São Camilo- Espírito Santo
palmianadiorio@gmail.com

Ricardo Daher Oliveira

Faculdades Alves Faria
ricardo.daher@hotmail.com.br

Resumo

O presente artigo pretende demonstrar a importância do psicopedagogo institucional em intervir nas relações interpessoais dos alunos. Para isso iremos abordar neste artigo assuntos como: A intervenção psicopedagógica, as relações interpessoais entre os alunos e o bullying fenômeno o qual preocupa profissionais ligados a educação e a psicologia. Neste artigo ainda será demonstrado uma pesquisa sobre o bullying, realizada com 172 alunos de uma escola da rede municipal da cidade de Cachoeiro de Itapemirim- Espírito Santo. O objetivo da pesquisa é detectar a incidência de bullying nesta escola e a forma que ele acontece.

Palavras-Chaves: Intervenção Psicopedagógica, Relações Interpessoais e Bullying.

1. Introdução

A finalidade deste artigo é abordar a questão das relações interpessoais entre os alunos; relatando um dos problemas que está inserido dentro desta relação que é o bullying, problema que ocorre diariamente em nossas escolas e muitas vezes não é

percebido pelos professores, pretende-se também abordar a questão da intervenção psicopedagógica e como o trabalho do psicopedagogo pode ajudar os alunos na solução deste problema.

A intervenção psicopedagógica tem o foco principal em trabalhar a questão da aprendizagem, seja prevenindo ou tratando a dificuldade de aprender do aluno, essa intervenção pode acontecer dentro da escola ou no consultório apropriado para o atendimento psicopedagógica. Scoz citado por Ciasca (2003, p.167) destaca que a psicopedagogia “é uma área que aprofundou conhecimentos para contribuir também para a qualidade de ensino.”

As relações humanas tem sido objeto de estudo das ciências que se preocupam com a formação do ser humano, pois a necessidade de uma convivência pacífica nos ambientes sociais se torna cada vez mais uma exigência da nossa sociedade. Por isso a importância de educadores trabalharem com seus alunos a questão do respeito mútuo, da tolerância e da importância do outro.

Nos últimos anos um comportamento comum entre os estudantes tem ganhado a atenção de estudiosos da área da educação e da psicologia, que é o bullying, que se trata de uma violência implícita cuja finalidade é isolar um aluno da convivência com os colegas. Baseados em estudos sobre este fenômeno autores deste artigo elaboraram um questionário fechado o qual foi respondido por 172 alunos de uma escola da rede municipal da cidade de Cachoeiro de Itapemirim- Espírito Santo.

2-Intervenção Psicopedagógica

A psicopedagogia é uma ciência que usa o conhecimento da psicologia e da pedagogia para o entendimento e a compreensão da aprendizagem; Ciasca (2003), relata que essa relação nasceu devido a necessidade de atendimento de crianças com dificuldades de aprendizagem, pois as mesmas não se adaptavam ao sistema de ensino convencional, Lurdes (1998), define a psicopedagogia como “a área de atuação dos educadores que se ocupam com indivíduos que apresentam dificuldades acentuadas nos seus processos de aprendizagem, com reflexo imediato em sua vida escolar (...). A tarefa da Psicopedagogia consiste em refletir sobre a prática da intervenção cognitiva e afetiva no sentido de uma proposta de ação que se fundamente em premissas teóricas correspondentes (LURDES citando BAYER, 1998, p.47). A psicopedagogia procura auxiliar os alunos a superar as suas dificuldades de aprendizagem através de vários instrumentos o qual podemos denominar como intervenção psicopedagógica.

Solé (2001), define intervenção psicopedagógica como “o conjunto articulado e coerente de tarefas e ações levadas a cabo pelos psicopedagogos(...), que tendem

a promover um ensino diversificado e de qualidade, dando atendimento aos diferentes usuários.” (SOLÉ, 2001, p.26)

A intervenção é usada com o objetivo de melhorar a qualidade de vida do atendido, na psicopedagogia isto não é diferente, a intervenção acontece de acordo com a necessidade e o momento do paciente, é importante ressaltar que além de trabalhar o cognitivo a intervenção psicopedagógica atende o lado emocional e social do educando.

De acordo com Calsa (2002), na sociedade brasileira predomina três tipos de correntes teóricas da psicopedagogia: a psicanalítica, a associacionista e a construtivista. A psicanalítica pressupõem que os problemas de aprendizagem se devem a causas emocionais, pois segundo ela existe uma forte ligação entre o desenvolvimento emocional e a aprendizagem, já a associativa defende que as dificuldades de aprendizagem oriunda de causas externas ao sujeito, essa corrente defende que os problemas de aprendizagem surgem devido a dificuldade do aluno em assimilar o conteúdo ou não entender a forma que o mesmo é transmitido pelo professor, a construtivista defende que os elementos internos e externos contribuem para a aprendizagem do aluno, esta corrente também afirma que entre a aprendizagem e o desenvolvimento existe uma relação de dependência, pois o desenvolvimento possibilita a assimilação do conteúdo ensinado. (CALSA, 2002)

Fernandez e Pain também afirmam que os problemas de aprendizagem podem ter causas externas ou internas, os problemas de causas externas são chamados de reativos e os internos de inibição ou sintoma. A intervenção acontece nos casos que problema tem a origem na estrutura familiar ou individual do indivíduo, porém não podemos descartar o trabalho de prevenção, no qual o psicopedagogo busca solucionar e prevenir os problemas de origem externa. (FERNANDEZ E PAIN CITADAS POR BOSSA, 2007).

“O psicopedagogo desenvolve seu trabalho pela prevenção ou intervenção. No aspecto preventivo, sua atuação está voltada para a orientação a outros profissionais quanto á metodologia de ensino, didática, estrutura curricular, ambiente de estudo e outros fatores fundamentais ao ensino. Porém, quando a criança já possui dificuldades de aprendizagem, a intervenção é necessária, e para isso é feito o diagnóstico psicopedagógico e, em seguida, a intervenção propriamente dita. Esses procedimentos compreendem: anamnese, análise do material escolar, relacionamento com a escola, observação do desempenho em situação de aprendizagem, aplicação de testes psicopedagógicos específicos e solicitação de exames complementares(...). Diante disso, observa-se que a intervenção psicopedagógica, quando necessária, é desenvolvida de formas variadas, ficando os procedimentos a serem executados a critério do profissional que está atuando geralmente influenciado pela a sua formação. (CIASCA, 2003, p.167)

A autora ainda destaca que a função do psicopedagogo é restabelecer a criança a uma vida escolar equilibrada com o objetivo de promover uma melhor relação entre ela e a sua aprendizagem, usando a mediação entre o aluno e o seu objeto de conhecimento. Na prática a intervenção acontece através de brincadeiras, jogos de regras, dramatizações, orientações de estudos. (CIASCA, 2003)

Bossa (2007), destaca que o psicopedagogo pode intervir através da orientação de professores na relação de ensino aprendizagem, os motivando a buscarem estratégias que facilitam a compreensão dos conteúdos por parte de seus alunos, ajudando também os alunos a compreenderem o seu processo de ensino-aprendizagem e auxiliar as escolas a planejarem seus currículos afim de atenderem a necessidade educacional de todos os alunos.

“As intervenções não implicam soluções ou receitas prontas para a criança, mas, um meio capaz de estimulá-la, por meio de questionamentos sobre suas ações e narrações, na própria construção do conhecimento e, por conseguinte na solução de seus conflitos. Dessa forma, espera-se que ao final das investigações, a criança consiga atingir um patamar superior de equilíbrio cognitivo e um estado afetivo equilibrado, o que deverá ser demonstrado por meio dos resultados obtidos.” (FREITAS, 2006, p.69)

A intervenção acontece em todos os campos da psicopedagogia, porém o nosso objetivo é de destacar aquelas que envolvem exclusivamente o meio educacional, ou seja a psicopedagogia clínica e a institucional.

“O modelo clínico ou assistencial dá ênfase especial aos aspectos psicológicos da intervenção, com uma interpretação restritiva, inclusive da faceta psicológica, já que a intervenção centra-se exclusivamente nas dificuldades dos alunos e em realizar, por isso, a reabilitação que se considera necessária(...). Prescinde-se em consequência do estudo das demais variáveis que influenciam no processo educacional. Em um sentido estrito, este não aparece questionado(...). Nele (o modelo preventivo ou educacional) presta-se especial atenção à vertente educacional do trabalho psicopedagógico, tendo com o objetivo prevenir o fracasso escolar e os problemas de aprendizagem em geral. (MARTIN E SOLÉ APOUT SOLÉ, 2001, p.45)

Segundo Bossa (2007), a metodologia de trabalho da psicopedagogia clínica é diferente da institucional, pois na clínica o psicopedagogo usa a observação para tentar entender os problemas de aprendizagem de seu paciente e buscar a melhor forma de intervir a fim de solucioná-los, a psicopedagogia institucional não descarta a configuração clínica, porém além de trabalhar o lado clínico ela busca uma

abordagem preventiva, ou seja na escola os objetivos da intervenção psicopedagógica são de solucionar e prevenir as dificuldades de aprendizagem.

Além de trabalhar os enfoques preventivos e clínicos, o psicopedagogo, principalmente o institucional, deve trabalhar o lado social do aluno auxiliando a entender a sua relação com ele mesmo e o mundo. Bossa (2007, p.88) afirma que “o trabalho psicopedagógico, portanto, pelo visto, pode e deve ser pensado a partir da instituição escolar a qual cumpre uma importante função social: a de socializar os conhecimentos disponíveis, promover o desenvolvimento cognitivo e a construção de regras de conduta, dentro de um projeto social mais amplo. A escola, afinal, é responsável por grande parte da aprendizagem do ser humano.”

Autores deste artigo não menosprezam que a principal função da intervenção psicopedagógica é ajudar os alunos a terem uma melhor relação com a aprendizagem, porém acreditamos que os psicopedagogos podem contribuir para que os alunos tenham uma melhor qualidade de vida em outros aspectos, e aprenda a conviver com o próximo e o mundo em que ele vive.

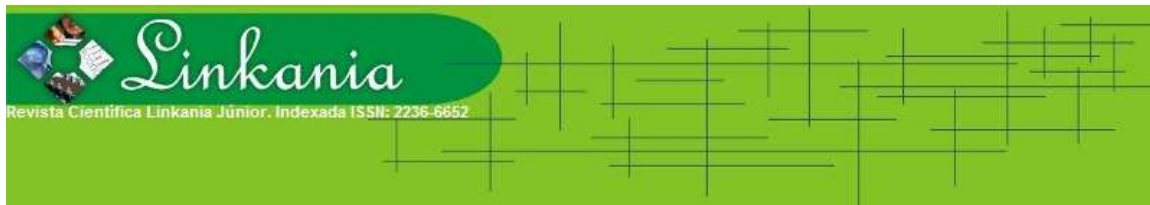
3 -Relações Interpessoais

“Deste os tempos pré-históricos, portanto antes do aparecimento da escrita e o uso de metais, o homem vem associando ao seu semelhante para juntar esforços diante de animais de grande porte, depois para produzir artesanalmente utensílios para uso em caçadas. Passado milhões de anos de sua evolução cultural, só mais recentemente o ser humano começou a estudar sistematicamente as razões de como age e reage junto com outras pessoas na consecução de objetivos comuns.” (CARVALHO, 1999 p.166)

As relações interpessoais está presente em nosso dia-a-dia, nos relacionamos com nossos parentes, amigos, colegas de escola e de trabalho e até com aqueles que não conhecemos, pois dizer um simples oi ou um bom dia é a forma mais simples de desenvolver as relações sociais. Segundo Fritzen(2002), as relações interpessoais acontecem entre uma pessoa e outra, entre membros de mesmo grupo e entre grupos de uma organização.

Fritzen (2002, p.25), conceitua as relações interpessoais como “eventos (acontecimentos) que se verificam no lar, na escola, na empresa” . Já Arantes (2007, p.86) relata que “as relações interpessoais não são uma atividade entre tantas outras, mas surgem no interior de qualquer situação educativa e têm algo de transversal e onipresente.”

Se relacionar com quem está a nossa volta vai além de costume, se torna uma necessidade, pois por mais individualista que a sociedade Capitalista seja, é www.linkania.org



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 1 - Nº 1 – Setembro/Outubro - 2011

inegável que precisamos um do outro para crescer, segundo Goulart e Sampaio (1998), que demonstra que esta constatação foi feita a partir de Década de 30, com o início do estudo da teoria das relações humanas, pois com nova forma de gestão, surgia a necessidade de um olhar mais profundo para a relação interpessoal dos trabalhadores da época.

Fritzen (2002), relata que as relações humanas tem sido considerado como uma ciência, a qual utiliza de outras ciências para o seu entendimento, como por exemplo a Psicologia e a Sociologia. Especialistas denominam as relações humanas como a ciência do comportamento humano e que tem por finalidade estudar as relações intra e interpessoal.

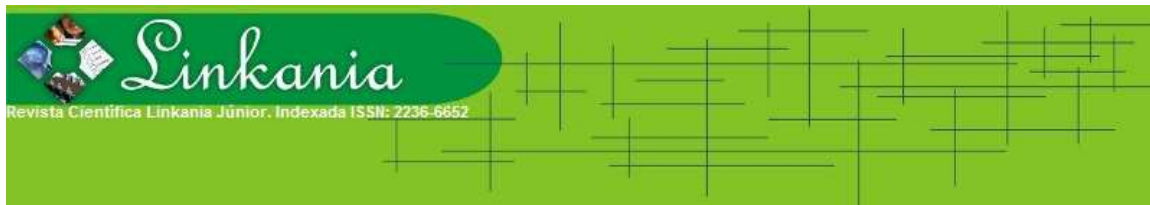
“Habilidades de relacionamento interpessoal e social são, como tantas outras, aprendidas e desenvolvidas no viver junto_ e dessa aprendizagem ninguém sai igual: mudanças são engendradas, no nível de consciência, das atitudes, das habilidades e dos valores da pessoa, assim como no grau e na amplitude de seu conhecimento e no trato com esse conhecimento, com a cultura _ constroem-se assim processos identitários” (ALMEIDA E PLACCO, 2002, p.11)

Em cada lugar que estamos desempenhamos um papel, em casa somos filhos, pais ou cônjuges; no trabalho ou somos chefes ou empregados; na escola somos alunos, professores ou fazemos parte da equipe administrativa; na rua podemos ser pedestres, motoristas, consumidores e se tivermos em uma cidade a qual não moramos exercemos o papel de turistas.

Para o desenvolvimento de um bom relacionamento interpessoal a pessoa precisa compreender o outro, Fritzen (2002) denomina este tipo de comportamento como sensibilidade social ou empatia, que é a capacidade de ser colocar no lugar do outro, outras características importantes para se desenvolver o relacionamento interpessoal são: saber a conhecer você mesmo, reconhecer seus pontos fortes e fracos, pois se conhecendo melhor você poderá entender melhor o seu próximo e estar pronto a aprender com ele.

Cury (1998), declara que “as relações interpessoais serão riquíssimas se aprendermos a reconstruir interpretativamente o “outro” com mais justiça em relação ao que ele é, ainda que essa reconstrução seja sempre devedora á sua realidade essencial. Conhecemos o outro a partir de nós mesmos; daí a imensa responsabilidade de reconstruímos o “outro” condizente ao que o “outro é” e não em relação ao que “nós somos”. Infelizmente, muito do que falamos do “outro” diz mais a nosso respeito do que a ele mesmo. (CURY 1998, p.68)

Ninguém nasce sabendo a vivenciar as relações interpessoais, isso é aprendido. Aprender a viver com o próximo é simplesmente estar preparado a ouvir, a dialogar, www.linkania.org



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 1 - Nº 1 – Setembro/Outubro - 2011

a se informar, a avaliar, a elogiar e a disciplinar. Se aprendermos esses atos que a primeira vista parece simples, nosso relacionamento em grupo se transformará em algo mais sadio e equilibrado.

Um grupo é formado por duas pessoas ou mais, mas isso não quer dizer que pessoas no ponto de ônibus formam um grupo, pois para a existência de um grupo precisa de pessoas que possuem uma relação de dependência e que possua uma unidade reconhecida, exemplo disso são: famílias, empregados de uma empresa, amigos que se reúnem aos finais de semana, grupos de uma comunidade religiosa e alunos inseridos em uma sala de aula.

“O grupo de classe é um conglomerado de pessoas em situação de interação. Não é apenas a relação de alunos na caderneta do professor, mas uma reunião de alunos com interesse comum em interação, como quando eles se reúnem para fazer um trabalho, não ir a aula, protestar contra um professor ou programar uma festa.” (FRITZEN, 2002, p.195)

Na sala de aula é vivenciado diversos tipos de relações-interpessoais, é neste ambiente que os alunos aprendem a conviver com pessoas diferentes com quem desenvolvem ou não afinidades, fazem amigos, aprendem a trabalhar em grupo e a dividir o espaço com o outro.

“Piaget, ao se referir ao desenvolvimento da afetividade interpessoal, mostrou que as relações entre pares são regidas por sentimentos de simpatia e antipatia. Apesar das relações humanas apresentarem esses dois pólos, o sujeito demonstra preferência em estabelecer relações de simpatia.” (VINHA, 2003, p.139)

Trabalhar as relações interpessoais dentro da escola é um grande desafio, pois dentro das relações humanas sempre existirá o conflito, a dificuldade de aceitar o diferente, e o querer de ficar perto daquele que é o mais amigo, Antunes e Meira (2003, p.25) declaram que “É preciso ter claro que as relações interpessoais humanas e humanizadoras não emergem de forma espontânea ou natural no cotidiano das salas de aula; elas precisam ser intencionalmente construídas.”

Neste contexto o professor é um forte aliado nesta construção, através de ações que levem seus alunos a refletirem sobre suas ações, a saberem a lhe darem com as suas emoções, a administrar os seus próprios conflitos.

É importante também que o professor trabalhe a questão do respeito e da tolerância entre seus alunos, pois uns dos problemas que está presente no relacionamento interpessoal é o bullying que é definido por Einsen e Engler (2008) como uma agressão dentro dos relacionamentos que tem por finalidade o isolamento de alunos promovidos pelos próprios colegas.

4 - Bullying

Nesta parte do artigo descreve-se sobre o bullying, que se trata de uma forma de violência implícita o qual esta presente no dia-a-dia de nossas escolas.

Segundo Arrieta et. al, (2000, p.82) “a problemática da violência constitui-se em um tema extremamente relevante, preocupante e instigante. Não podendo ser considerado um fenômeno recente, na verdade, esteve presente em toda a história da humanidade, ainda que com características e peculiaridades diferentes em cada época. No entanto, tendo em vista seu crescimento constante, proliferaram as pesquisas, os estudos e debates, assim como a preocupação com esse assunto.”

O primeiro estudioso que relacionou a palavra bullying ao comportamento de maltratar os colegas foi o professor norueguês Dan Olwes, isso devido à constatação de um grande número de suicídios cometidos por adolescentes daquele país, em sua pesquisa Olwes descobriu que a maioria desses adolescentes tinha sofrido maus tratos durante a sua fase escolar, por isso a prática do bullying era um mal a se combater. (CAVALCANTE, 2004)

Nos últimos anos o bullying vem preocupando os estudiosos da área da educação e da psicologia, Fante (2005 p.27) o define como o “desejo consciente e deliberado de maltratar uma pessoa e colocá-la sobre tensão”; Chalita (2008) define o bullying como a negação da amizade, do cuidado e do respeito. Almeida (2007) define o bullying como “maus tratos se distinguem de outras formas de agressão por seu caráter repetitivo ou sistemático, pela intenção de causar danos ou prejudicar alguém; que é habitualmente percebido/a como mais fraco/a ou está em uma posição fragilizada e dificilmente pode se defender. A recorrência, a intencionalidade e a assimetria caracterizam as situações de agressão como abuso de poder, no entanto, também pode acrescentar-se que estes comportamentos e atitudes não são necessariamente provocados pelas vítimas. (ALMEIDA CITADO POR FRANCISCO E LIBORIO, 2009, p.200).

Ainda não existe uma palavra na língua portuguesa para definir o bullying, esse termo é usado no Brasil e em outros países, segundo Fante (2005, p. 28) “Bully, enquanto nome, é traduzido como “valentão”, “tirano”, e como verbo, “brutalizar”, “tiranizar”, “amedrontar”. Dessa forma, a definição de bullying é compreendida como um subconjunto de comportamentos agressivos, sendo caracterizado por sua natureza repetitiva e por desequilíbrio de poder.”

O bullying pode acontecer em qualquer ambiente aonde existem relações interpessoais: na família, nos locais de trabalho, nos asilos, nas cadeias e nos

condomínios residenciais, segundo Fante (2005), o bullying acontece nestes lugares devido a propagação da sua cultura dentro das escolas, por isso que é importante que educadores e alunos estejam conscientes sobre esta prática e tenha consciência da importância de combatê-la dentro dos ambientes escolares.

Segundo Chalita (2008), existem dois tipos de bullying, o direto e o indireto, o direto acontece geralmente entre os meninos e é identificado através de xingamentos, tapas, empurrões, murros, chutes e apelidos ofensivos repetidos. Já o bullying indireto acontece mais entre as meninas e as crianças menores, sua característica é levar a vítima ao isolamento social através de difamações, boatos cruéis, intrigas e fofocas e também através da internet, o cyberbullying, que são agressões cometidas através de emails, mensagens mandadas pelo celular, blogs, sites de relacionamento, como por exemplo, o Orkut.

Ofensas entre colegas, brigas, comentários maldosos, principalmente quando este comentário está saindo de um grupo com a finalidade de ofender um aluno específico, agressões físicas ou psicológicas com frequência, roubos, exclusões, assédio sexual ou moral, discriminações, perseguições, intimidações e humilhações são ações que fazem parte da dinâmica do bullying os quais estão envolvidos os seguintes personagens: a testemunha, a vítima e o agressor.

A testemunha são aqueles alunos que presenciam a agressão, porém acaba ficando quieto, não tomando a defesa da vítima e nem o partido do agressor.

A individualidade do aluno pode transformá-lo em uma vítima do bullying, estudiosos classificam as vítimas como típica, agressora e provocadora.

A vítima típica geralmente é aquela criança tímida, insegura, com dificuldade de aprendizagem, com problema de coordenação motora e depressiva por isso ela serve de bode expiatório para o resto do grupo e por apresentar auto-estima baixa ela terá dificuldade em se defender de seus agressores, para Einsen e Engler, (2008), a vítima típica não procura provocar seus agressores, mas por ser uma pessoa ansiosa, insegura, retraída, depressiva e submissa se transforma em presa fácil para seus agressores, isso transforma este tipo de vítima em protagonista de situações humilhantes durante a sua vida escolar.

A vítima agressora é aquela que agride os colegas para se defenderem, a fim de saírem do papel da vítima típica, segundo Fante (2005), esta tendência vem transformando o bullying em uma ação continua dentro das escolas.

A vítima provocadora é aquele aluno que provoca os colegas em resposta a provocações feitas por eles, mas essas provocações acabam não surgindo efeito,

geralmente estes alunos são hiperativos, imaturos, ofensivos; e acaba causando algum tipo de constrangimento em seu ambiente escolar.

“Os agressores, normalmente, são alunos populares, que precisam de platéia para agir. Reconhecidos como valentões, oprimem e ameaçam suas vítimas por motivos banais, apenas para impor autoridade. Sentem-se realizados e reconhecidos com o feito. Mantêm um grupo em torno de si, com o qual dividem a responsabilidade e por quem sentem apoiados e fortalecidos. Aqueles que gravitam ao redor do líder ou líderes também são considerados agressores” (CHALITA 2008, p.86)

Segundo Fante (2005), a maioria dos alunos que são agressores sofrem o SMAR- Síndrome de Maus-tratos Repetidos, que se trata de uma doença psicossocial o qual é produzida por sofrimento de maus tratos que podem ser por parte da família ou de outras pessoas, por isso vem a necessidade do agressor de maltratar o colega considerado “inferior”, pois para o agressor essa é a chance de se sentir superior.

Para Tognetta (2005), “neste contexto de causadores e vítimas de *bullying*, ambos precisam de ajuda. Por um lado, as vítimas sofrem uma deterioração da sua auto-estima, e do conceito que tem de si, por outro, os agressores também precisam de auxílio, visto que sofrem grave deterioração de sua escala de valores e, portanto, de seu desenvolvimento afetivo e moral. (TOGNETTA OR FRANCISCO E LIBORIO, 2009 p. 201)

Esses são apenas um dos motivos de se combater o bullying dentro de nossas escolas, especialistas que já estudam este fenômeno afirmam que educadores devem alertar seus alunos contra esta prática, pois isto é essencial para que a escola se transforme em um ambiente de paz.

Na prática podemos coibir o bullying tomando as seguintes estratégias: conscientizar os alunos sobre o bullying relatando sobre suas características e mostrando que esta prática é intolerável dentro da escola, trabalhar assuntos como a solidariedade, a tolerância e o censo crítico, estar aberto ao diálogo com os alunos, estimular a denuncia em casos de bullying, identificar possíveis vítimas e agressores e fazer um acompanhamento individual com cada um deles, oportunizar que os alunos criem regras de disciplinas, estimular as lideranças positivas entre os alunos e interferir diretamente quando perceberem que o bullying esta acontecendo dentro do ambiente escolar a fim de coibir com esta dinâmica, estimular as famílias para que elas trabalhem a questão do respeito e do amor ao próximo com os seus filhos, orientar todos os funcionários, docentes e administrativos, a interferirem quando presenciar a ocorrência de bullying.

“As medidas adotadas pela escola para controle do BULLYING, se bem aplicadas e envolvendo toda a comunidade escolar, contribuirão positivamente para a formação de uma cultura de não violência na sociedade.” (MONTEIRO, 2006).

Se sonhamos com uma educação melhor devemos também sonhar com um mundo melhor, e para que isto se transforme em realidade só depende de nós, através de pequenos gestos podemos melhorar a forma em que nos relacionamos com nós mesmos e com o nosso próximo, e com o mundo, por isso trabalhar o respeito e a tolerância ao próximo não é algo utópico mas sim algo de quem aprendeu com a vida que cada pessoa que passa por nós é importante e que merece o nosso respeito, pois o que nos transforma em seres humanos é a qualidade de possuirmos alguma limitação.

5 - Análise dos Resultados

A partir deste ponto será feita um análise da pesquisa feita pelos autores deste artigo, em uma escola da rede municipal da cidade de Cachoeiro de Itapemirim-Espírito Santo, entre os dias 07 a 14 de outubro de 2009, cuja a finalidade é analisar a incidência de bullying entre os alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

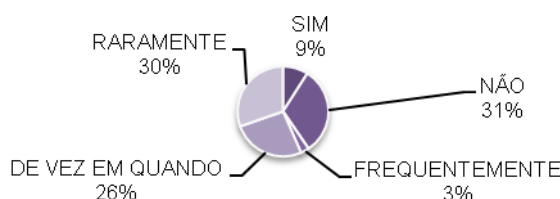
5.1 Comentários Gerais da Pesquisa

Para a realização desta pesquisa foi realizado um questionário fechado com 22 perguntas o qual foi respondido por 172 alunos entre a faixa etária dos 10 aos 17 anos da rede municipal de ensino de Cachoeiro de Itapemirim- Espírito Santo, sendo que 84 são meninas e 88 são meninos; O objetivo da pesquisa era constatar a incidência de bullying nesta escola e a forma que ele acontece.

5.2 A agressão na Escola na perspectiva de meninos e meninas

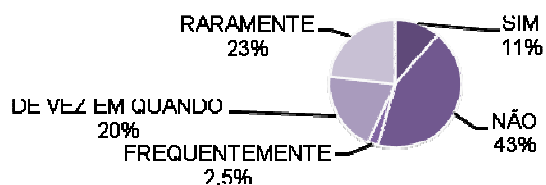
Na primeira pergunta do questionário da presente pesquisa procurou verificar se os alunos eram vítimas de alguma forma de agressão que o ofendiam ou os expunha a uma situação constrangedora. Os resultados podem ser observados nos gráficos abaixo:

Gráfico 1: As agressões na escola na perspectiva dos “meninos”



Fonte: Os Autores

Gráfico 2: As agressões na escola na perspectiva das “meninas”



Fonte: Os Autores

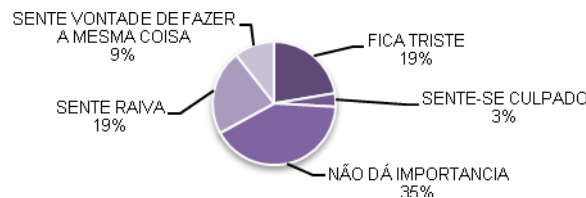
Conforme o observado nos gráficos 1 e 2 a grande parte dos alunos declararam que não são agredidos dentro da escola, 31% dos meninos e 43% das meninas, mas o que foi levantado durante a análise dos dados desta pesquisa que apenas 2% dos meninos e 14% das meninas entrevistados realmente não tem nenhum envolvimento com o bullying, conseqüentemente não sofrem nenhuma agressão na escola, porém a maioria que declaram que não são agredidos nas outras perguntas assinalaram que sofre com algum tipo de agressão.

É importante ressaltar que de acordo com as respostas dos alunos separamos eles em quatro grupos os quais estão envolvidos na dinâmica do bullying: vítimas, vítimas - agressoras, agressores e testemunhas. E foi verificado que entre os meninos 11% se identificam como vítimas, 10% agressores, 54,5% vítimas – agressoras, 2% são testemunhas e 21,5% se declaram testemunhas, porém participa da dinâmica do bullying de alguma maneira. Entre as meninas 25% se declaram vítimas, 5% agressoras, 32% vítimas- agressoras, 15% testemunhas, cuja não há participação na dinâmica do bullying e 24% são consideradas como testemunhas, porém participa de alguma forma da dinâmica do bullying.

5.3 O sentimento dos alunos ao serem agredidos

Na segunda pergunta do questionário da presente pesquisa procurou verificar como os alunos se sentem quando são agredidos. Os resultados podem ser observados no gráfico abaixo:

Gráfico 3: Sentimento dos alunos ao serem agredidos



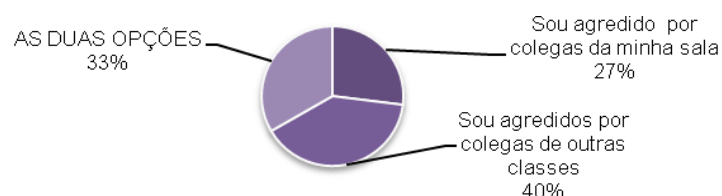
Fonte: Os Autores

Conforme observado no gráfico 3, 41% dos alunos que responderam esta questão relataram que não dão importância ao ser agredido, porém quando separamos esta resposta pelo o sexo, a maioria das meninas responderam que não dá importância, total de 39%, já a grande parte dos meninos responderam que sente raiva quando são agredidos, total de 29% dos entrevistados, outro fato interessante que podemos tirar deste gráfico é que somente 4% dos alunos responderam que sentem-se culpados quando são agredidos, isso demonstra que neste contexto escolar a maioria das vítimas não se caracterizam como a vítima-típica, mas sim como a vítima agressora ou a provocadora.

5.4 Posições dos agressores

Na terceira pergunta do questionário da presente pesquisa procurou verificar se os alunos são agredidos por colegas da sua sala ou por colegas de outras classes. Os resultados podem ser observados no gráfico abaixo:

Gráfico 4: Posição dos agressores



Fonte: Os Autores

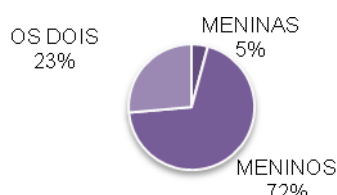
Conforme se observa no gráfico 4, pode-se notar que o bullying acontece basicamente em todos os locais da escola, a partir deste dado podemos analisar as respostas da seguinte forma: 27% dos alunos que responderam esta questão são

agredidos pelos próprios colegas de sala, 40% são agredidos por colegas de outras turmas e 33% declararam que são agredidos pelos colegas de sua classe e de outras classes, esses dados comprovam que as relações interpessoais destes alunos encontram-se em desequilíbrio, pois não há respeito e nem tolerância entre eles.

5.5 O Sexo dos Agressores

Na quarta pergunta do questionário da presente pesquisa procurou verificar quem mais agredia os colegas, se era as meninas ou os meninos. Os resultados podem ser observados no gráfico abaixo:

Gráfico 5: O Sexo dos Agressores



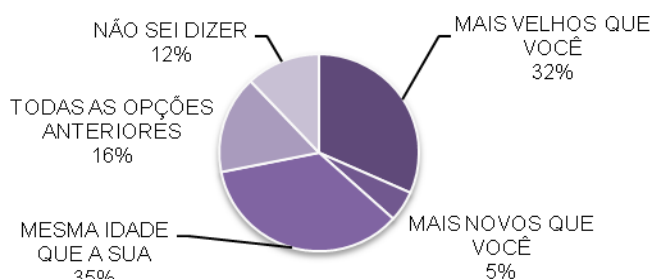
Fonte: Os Autores

Conforme se observa no gráfico 5, a maioria dos agressores são meninos, prova disto é que 72% dos meninos e 54% das meninas que responderam esta questão declaram que são agredidos somente por meninos, enquanto 5% dos meninos e 9% das meninas declararam que são agredidas somente por meninas, constatamos que nesta escola os meninos estão mais envolvidos na dinâmica do bullying como agressores, Hamilton (2007), relata que o bullying faz parte do universo das relações entre os meninos no contexto escolar através de atos comuns entre eles como: piadas, provocações e brincadeiras de “luta”, porém o que eles precisam aprender o que é aceitável e o inaceitável dentro das relações interpessoais.

5.6 A idade dos agressores

Na quinta pergunta do questionário da presente pesquisa procurou verificar se os alunos eram agredidos por colegas da mesma idade, mais velhos que eles ou mais novos que eles. Os resultados podem ser observados no gráfico abaixo.

Gráfico 6: A idade dos agressores



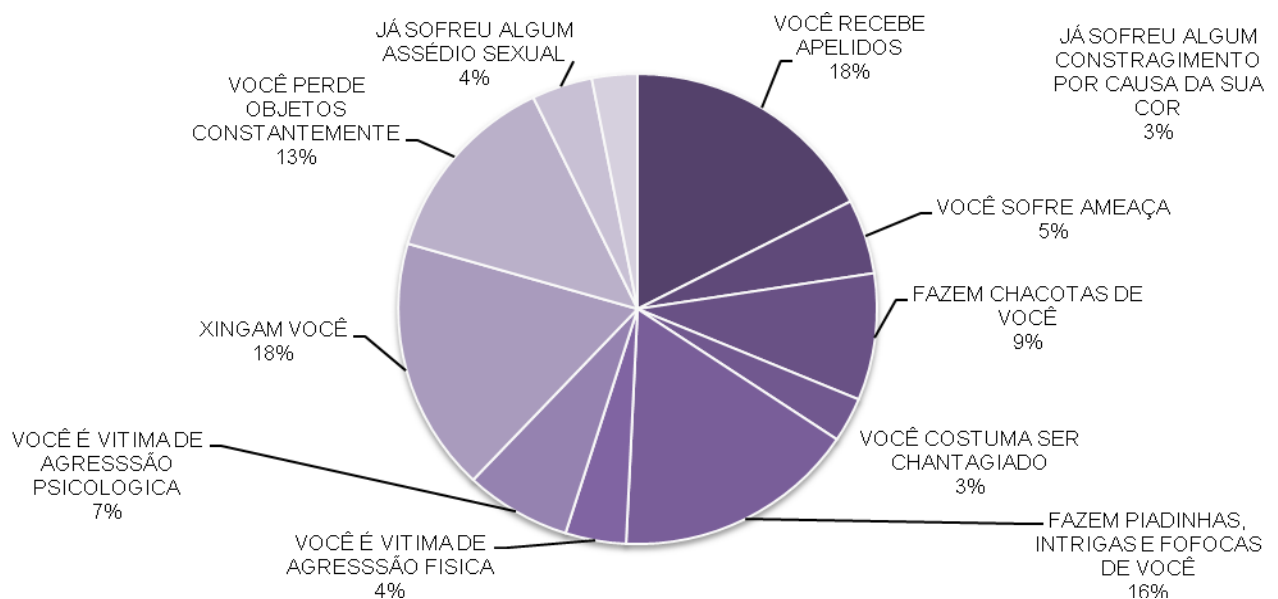
Fonte: Os Autores

Conforme se observa no gráfico 6, a idade dos agressores variam com a mesma da vítimas, 35% das respostas, ou mais velhos que as vitimas 32% das respostas. Isto comprova a tese de MONTEIRO (2006), que relata que o bullying é uma relação desigual de poder onde vai ocasionar dor e angustia da parte quem sofre com as agressões, popularmente falando o que predomina é a lei do mais forte.

5.7 Agressões

Na sexta pergunta do questionário da presente pesquisa procurou verificar que tipo de agressão os alunos mais sofrem. Os resultados podem ser observados no gráfico abaixo.

Gráfico 7: Agressões



Fonte: Os Autores

Conforme se observa no gráfico 7, as agressões mais sofridas pelos alunos que responderam esta questão são xingamento e o recebimentos de apelidos os quais eles não gostam, 18% das respostas, isto demonstra que o bullying acontece nesta escola de forma verbal. Segundo FANTE (2005), por volta dos 13 e 14 anos o xingamento voltado para campo sexual é bem comum entre os meninos, já entre as meninas a agressão acontece de forma mais discreta como, por exemplo, comentários maldosos e ofensas morais. Esta pesquisa constatou que as meninas e os meninos são vítimas destes dois tipos de agressão.

5.8 Os alunos e as suas relações

Na sétima pergunta do questionário da presente pesquisa procurou verificar se os alunos pesquisados possuíam muitos ou poucos amigos na escola. Os resultados podem ser observados no gráfico abaixo.

Gráfico 8: Os alunos e as suas relações



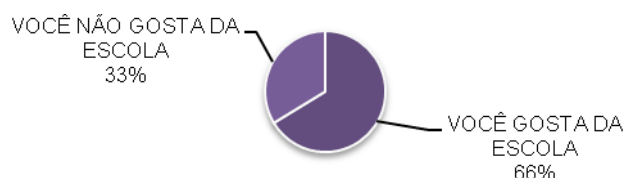
Fonte: Os Autores

Conforme se observa no gráfico 8, 80% dos alunos que responderam esta questão declaram que tem muitos amigos na escola, isto demonstra que apesar da existência do bullying na escola pesquisada, os alunos possuem um relacionamento com os colegas, pois o desenvolvimento de amizades nesta faixa etária é algo muito positivo. Riera (1998), relata que nesta faixa etária os adolescentes procuram encaixar em grupos que aceita eles do modo que eles são, por isso cada grupo se encaixa com aqueles colegas que tem algum tipo de afinidade. Porém outros dados desta pesquisa demonstram que é preciso melhorar as relações interpessoais dos alunos e para isto aconteçam eles precisam da ajuda dos pais e da escola para que suas relações se tornem mais saudáveis.

5.9 Os alunos e a escola

Na oitava pergunta do questionário da presente pesquisa procurou verificar se os alunos gostavam de ir à escola. Os resultados podem ser observados no gráfico abaixo:

Gráfico 9: Os alunos e a escola



Fonte: Os Autores

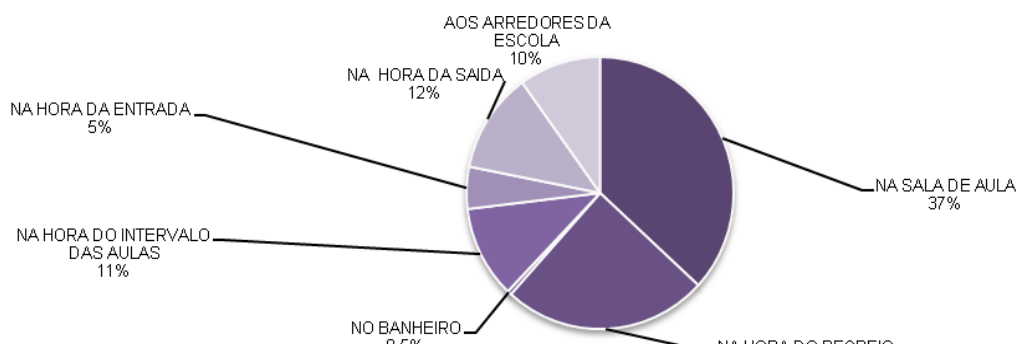
Conforme se observa no gráfico 9, a maioria dos alunos que responderam esta questão relataram que gosta de ir a escola, a partir deste dado podemos compreender que a escola possui um papel importante para estes alunos, pois é um lugar que eles gostam de estar, por isso a escola tem o dever de contribuir para a formação destes adolescentes, para que estes se tornem pessoas tolerantes que saibam respeitar o seu próximo com as suas diferenças.

É importante ressaltar que é comum entre alunos que sofram com o bullying apresentarem vontade de não irem à escola, a “rejeição escolar”, apesar de ocorrer com a minoria dos alunos a escola deve estar atenta a este problema. Em seu livro Fenômeno “Bullying”, Cleo Fante cita vários exemplos de alunos que tomaram terror pela escola por estarem sendo alvos de bullying; como por exemplo, a história de Ana e Humberto, vítimas do bullying durante a fase escolar, desenvolveram problemas emocionais e acabaram saindo da escola.

5.10 A localização do bullying

Na nona pergunta do questionário da presente pesquisa procurou verificar em quais locais da os alunos eram agredidos. Os resultados podem ser observados no gráfico abaixo:

Gráfico 10:A localização do bullying



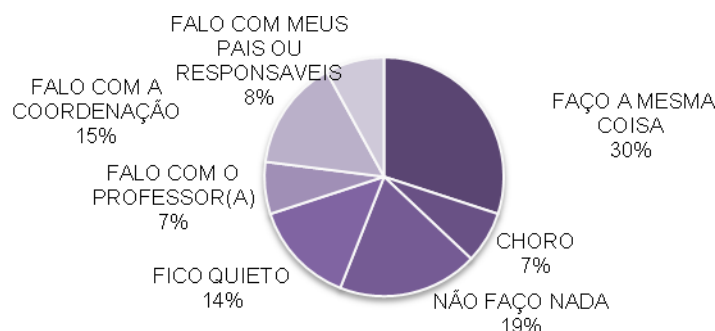
Fonte: Os Autores

Conforme se observa no gráfico 10, a maioria dos alunos que responderam esta questão são agredidos dentro da sala de aula, 37% das respostas, já 25% dos alunos declararam que são agredidos na hora do recreio, diante destes dados podemos observar que dentro das relações interpessoais destes alunos existe o problema da falta de respeito e da tolerância, em seu livro CHALITA (2008) ressalva “que o bullying é um sintoma de desequilíbrio das relações interpessoais”.

5.11 Qual é a reação dos alunos quando são agredidos

Na décima pergunta do questionário da presente pesquisa procurou verificar qual reação os alunos tinham quando eles eram agredidos. Os resultados podem ser observados no gráfico abaixo:

Gráfico 11: Qual é a reação dos alunos quando são agredidos



Fonte: Os Autores

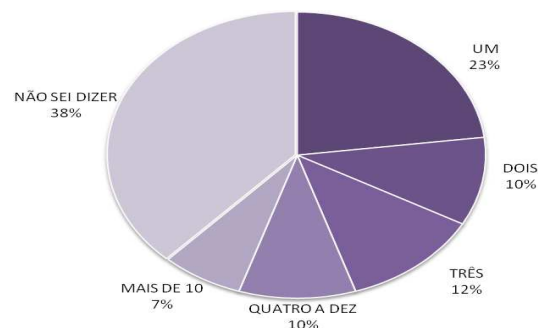
Conforme se observa no gráfico 11, as reações dos alunos quando são agredidos estão muito equilibrada, apesar de 30% dos alunos que responderam esta questão relatam que retribuem a agressão sofrida, característica da vítima agressora, é

importante ressaltar que apenas 7% dos entrevistados choram ao ser agredido, 19% dos alunos relataram que não fazem nada quando são agredidos e 14% fica quieto, com esses dados acredita que cerca de 40% das vítimas podem ser consideradas como vítimas típicas, mas como ficar neste papel é incomodo, estes alunos tendem se tornar vitimas agressoras ou até mesmo agressores aumentando assim a dinâmica do bullying.

5.12 Número de agressores

Na décima primeira pergunta do questionário da presente pesquisa procurou verificar por quantos colegas os alunos eram agredidos. Os resultados podem ser observados no gráfico abaixo:

Gráfico12: Número de agressores



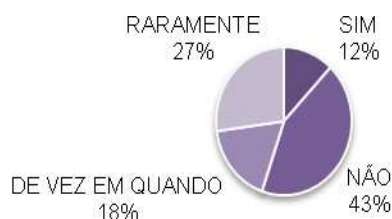
Fonte:Os Autores

Conforme se observa no gráfico 12, podemos destacar que 38% dos alunos responderam esta questão não sabem dizer o número de seus agressores e 23% relatam que são agredidos apenas por um colega. O número de alunos que são agredidos por mais de quatro colegas são de 17 %, isto demonstra que na escola pesquisada o número de alunos envolvidos na dinâmica do bullying é bastante expressivo e que necessita da intervenção dos educadores para que os alunos convivam em um ambiente de paz e equilíbrio.

5.13 Agressores

Na décima segunda pergunta do questionário da presente pesquisa procurou verificar se os alunos agrediam os próprios colegas. Os resultados podem ser observados no gráfico abaixo:

Gráfico 13: Agressores

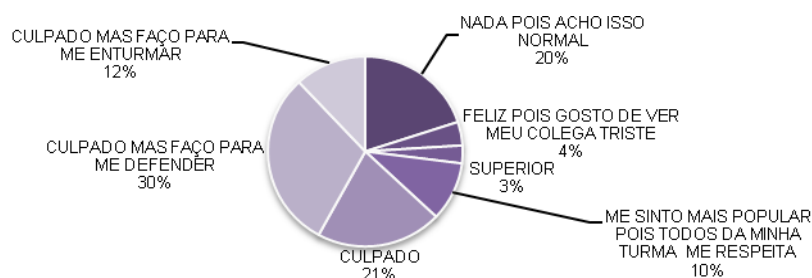


todos esses alunos são considerados como agressores, na verdade apenas 7,5 % dos alunos entrevistados foram identificados como agressores, os outros 4,5% que se declaram que agride seus colegas entra no grupo das vítimas – agressores e das vítimas típicas.

5.14 Sentimento dos Agressores

Na décima terceira pergunta do questionário da presente pesquisa procurou verificar o que os alunos sentem quando agredem seus colegas. Os resultados podem ser observados no gráfico abaixo:

Gráfico 14: Sentimento dos agressores



Fonte: Os Autores

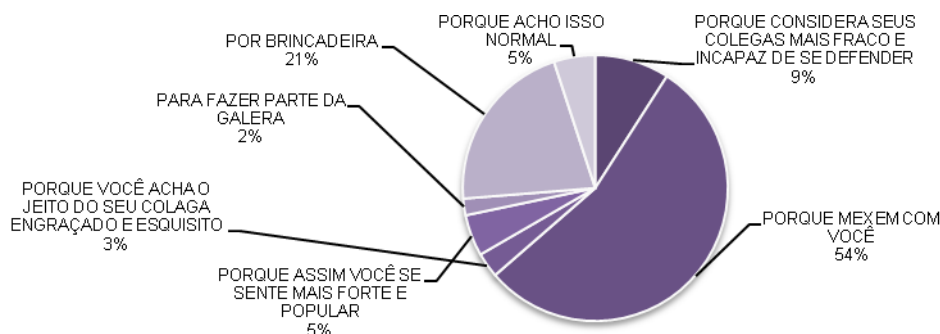
Conforme se observa no gráfico 14, a maioria dos alunos que responderam esta questão se sentem culpados ao agredirem os seus colegas, cerca 53% das respostas, isso nos leva a entender que nesta escola a maioria dos personagens na dinâmica do bullying é a vítima, seja ela a típica ou a agressora. Portanto diminuir o bullying neste ambiente escolar e em outras unidades de ensino não é tão difícil

assim, porém precisa se trabalhar a conscientização sobre o fenômeno com os professores e os alunos.

5.15 Motivações da agressão

Na décima quarta pergunta do questionário da presente pesquisa procurou verificar qual era o principal motivo que levava os alunos a agredirem os seus colegas. Os resultados podem ser observados no gráfico abaixo:

Gráfico 15: Motivação da agressão



perguntamos o que levava –os a agredir a seus colegas 54% dos alunos relataram que faziam isso para se defenderem.

Outra questão importante que devemos considerar e que 21% dos alunos relataram que agredem seus colegas por brincadeira, isso nos demonstra pelo menos dois fatores: o primeiro é que o bullying é um assunto desconhecido em nossas escolas, e o segundo é que atos de violência esta se o transformando em algo tão banal que infelizmente cada vez mais faz parte do cotidiano de nossas escolas.

5.16 A posição dos Agredidos

Na décima quinta pergunta do questionário da presente pesquisa procurou verificar se os alunos implicavam os seus colegas de classe ou implicavam com colegas de outras classes. Os resultados podem ser observados no gráfico abaixo:

Gráfico 16: A posição dos Agredidos



Fonte: Os Autores

Conforme se observa no gráfico 16, 62% dos alunos que responderam esta questão declaram que implicam com colegas de sua própria classe e 38% declaram que implicam com colegas de outras classe, se voltarmos ao gráfico 4, quando perguntamos aos alunos se eles eram agredidos por colegas de sua classe, 27% responderam que sim e 40% declaram que eram agredidos por colegas de outras classes e 33% declararam que eram agredidos por colegas de sua classe e de outras classes. Esses dados demonstram que os agressores agem mais dentro da sala de aula porém não deixa de agir fora dela.

5.17 A agressão e o Sexo dos alunos

Na décima sexta pergunta do questionário da presente pesquisa procurou verificar se os alunos implicavam com colegas do mesmo sexo ou de outro sexo. Os resultados podem ser observados no gráfico abaixo:

Gráfico17: A agressão e o sexo dos alunos

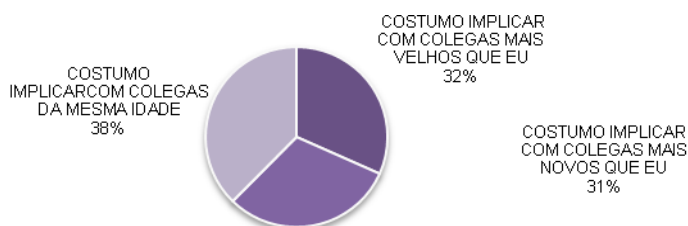


colegas do sexo diferente, segundo Franzen (2008), as meninas agem de forma mais discreta, através de olhares, cochichos e dissimulações já os meninos parte para o lado mais físico, pode-se entender que a tomada destas atitudes é devido a exigência de comportamento que a nossa sociedade exige de cada sexo, pois segundo a nossa sociedade o homem deve ser o “machão” e a mulher deve ser sempre a delicada e sempre ter um comportamento mais meigo.

5.18 Os Agressores e a idade

Na décima sétima pergunta do questionário da presente pesquisa procurou verificar a idade dos agressores em relação à idade de suas vítimas. Os resultados podem ser observados no gráfico abaixo:

Gráfico 18: Os Agressores e a idade



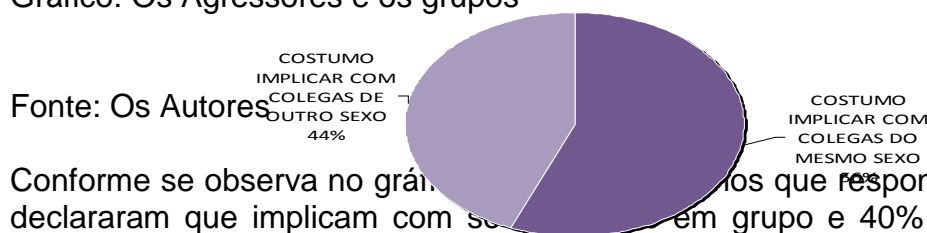
Fonte: Os Autores

Conforme se observa no gráfico 18, 38% dos alunos que responderam esta questão declararam que costumam implicar com colegas da mesma idade, 32% implicam com colegas mais velhos e 31% com colegas mais novos, se fizermos um comparativo ao gráfico 6, onde perguntamos aos alunos a idade de seus agressores as respostas que tivemos foram as seguintes: 32% dos alunos declararam que são agredidos por colegas mais velhos, 5% declaram que são agredidos por colegas mais novos, 35% declararam que são agredidos por colegas da mesma idade e 16% declararam que são agredidos por alunos de todas as idades, diante destes dados podemos chegar à conclusão que o bullying predomina entre colegas da mesma idade e série, comprovando a fala de Cavalcante (2004), onde conceitua que o bullying como maltrato entre os iguais.

5.19 Os Agressores e os grupos

Na décima oitava pergunta do questionário da presente pesquisa procurou verificar se os alunos implicavam com colegas em grupos ou sozinhos. Os resultados podem ser observados no gráfico abaixo:

Gráfico: Os Agressores e os grupos



Fonte: Os Autores

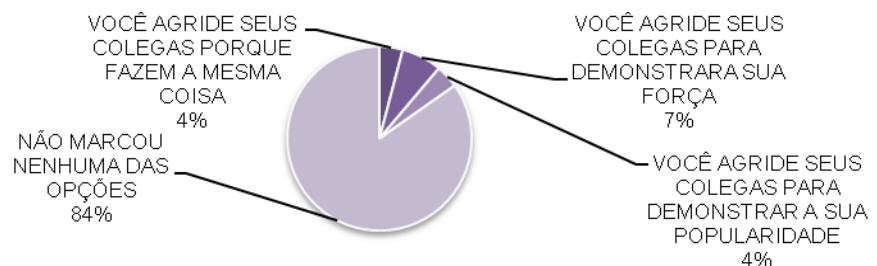
Conforme se observa no gráfico, 44% dos alunos que responderam esta questão declararam que implicam com seus colegas de outro sexo em grupo e 40% implicam com seus colegas sozinhos; se analisarmos a dinâmica do bullying veremos que agir sozinho é a característica da vítima provocadora e da vítima típica, a primeira age assim por se tratar de uma pessoa impulsiva e imatura, ela agride seus colegas sem pensar nas causas e nas conseqüências e a segunda age assim por estar sempre isolada

do grupo e por possuir uma fragilidade física ou psicológica, agride seus colegas para se defender mas nem sempre é bem sucedido, já agir em grupo é tendência das vítimas agressoras, como já foi dito esse grupo toma essa atitude para sair do papel de vítima e muitas vezes acabam se aliando aos agressores, e estes por sua vez precisa dos colegas como aliados para poderem exercer sua influência de líder e se proteger das possíveis conseqüências.

5.20 Motivos da agressão

Na décima nona pergunta do questionário da presente pesquisa procurou verificar qual a razão que levava os alunos a implicarem com seus colegas. Os resultados podem ser observados no gráfico abaixo:

Gráfico 20: Motivos da agressão



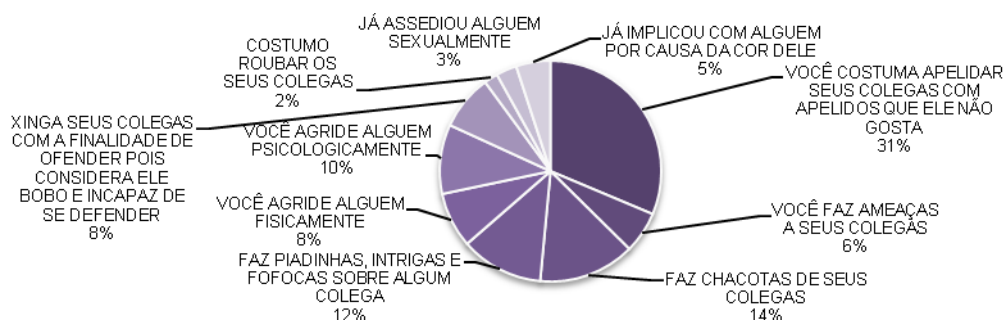
Fonte: Os Autores

Conforme se observa no gráfico 20, de todos os alunos considerados envolvidos na dinâmica do bullying, exceto as testemunhas, 7% declaram que agride os colegas para demonstrarem a sua força, 4% dos alunos marcaram que agridem seus colegas porque eles fazem a mesma coisa ou para demonstrar a sua popularidade e 84% dos alunos não marcaram nenhuma dessas opções; acredita-se que alunos que marcaram alguma dessas opções fazem parte do grupo dos agressores, que de acordo com esta pesquisa são 7,5%, ao primeiro momento podemos chegar a conclusão que este grupo é formado por poucos alunos, porém não podemos esquecer que aquele aluno que possui as características do agressor tende a possuir um poder de influência sobre os colegas, com isso ele pode diminuir o poder de defesa da vítima e influenciar aos outros alunos a não tomarem a defesa dela e ainda influenciar seus colegas a se transformarem em agressores.

5.21 Quais os tipos de agressões praticadas pelos alunos

Na vigésima pergunta do questionário da presente pesquisa procurou verificar qual tipo de agressão é mais cometido pelos alunos. Os resultados podem ser observados no gráfico abaixo:

Gráfico 21: Quais os tipos de agressão praticadas pelos alunos



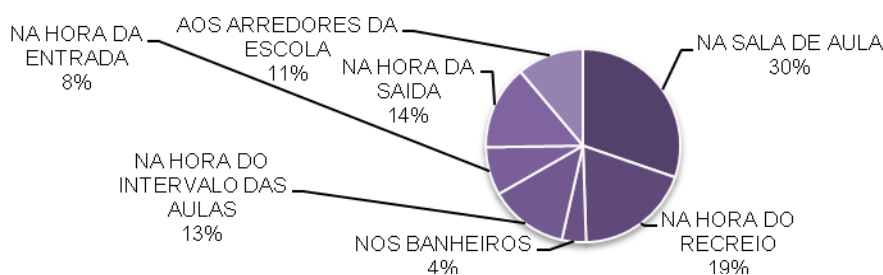
Fonte: Os Autores

Conforme se observa no gráfico 21, as agressões mais cometidas pelos alunos que responderam esta questão é o de apelidar os colegas com 31% das respostas, seguido de chacotas com 14%, fazer piadinhas e fofocas sobre os colegas com 12%, e as agressões mais sofridas pelos alunos, segundo o item 5.7, são os apelidos e o xingamento com 18 % das respostas. É importante ressaltar que nem todo o ato de indisciplina pode ser considerado como bullying, pois o que define a sua prática são agressões, sejam elas físicas ou psicológicas, de forma contínua e repetitiva contra um aluno.

5.22 Os locais das agressões

Na vigésima primeira pergunta do questionário da presente pesquisa procurou verificar aonde os alunos agrediam seus colegas. Os resultados podem ser observados no gráfico abaixo:

Gráfico 22: Os locais das agressões



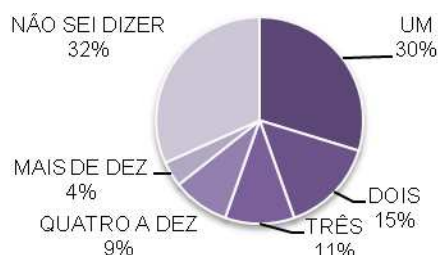
Fonte: Os Autores

Conforme se observa no gráfico 22, a maioria dos alunos que responderam esta questão declararam que costumam agredir seus colegas dentro da sala de aula 30% das respostas, e na hora do recreio 19%, esses dados confirmaram os dados do ponto 5.10 onde a maioria dos alunos também relataram que são agredidos na sala de aula 37% das respostas e na hora do recreio 25% das respostas.

5.23 Quantos colegas você costuma agredir

Na vigésima segunda pergunta do questionário da presente pesquisa procurou verificar a quantidade de colegas que cada aluno costuma agredir. Os resultados podem ser observados no gráfico abaixo:

Gráfico 23: Quantos colegas você costuma agredir



Fonte: Os Autores

Conforme se observa no gráfico 23, 30% dos alunos que responderam esta questão relataram que costuma agredir somente um colega, 15% relatou que costuma agredir dois colegas, 11% relatou que agride três colegas, 9% relatou que agride entre 4 a 10 colegas, 4% relataram que agride mais de dez colegas e 32% relataram não saberem quantos colegas eles agridem, estes dados comprovam os dados do tópico 5.12 onde perguntamos aos alunos por quantos colegas eles eram agredidos se compararmos esses dados comprovaremos que o bullying está presente no ambiente escolar pesquisado.

6. Conclusão

Baseado em autores pesquisados e nos dados da pesquisa realizada pelos autores deste artigo podemos concluir que cerca de 92% dos alunos entrevistados estão envolvidos de alguma forma na dinâmica do bullying, sendo que 18% podem ser considerados como vítima típica, 44% como vítima agressora, 7,5% como agressores e 23 % como testemunhas que possui alguma participação na dinâmica do bullying.

Segundo dados coletados durante a análise dos resultados podemos concluir que na escola pesquisada o tipo de bullying mais frequente é o direto e acontece através de apelidos, chacotas, piadinhas e xingamentos. O bullying acontece mais entre os meninos, seja no papel de agressor ou de vítima, e ocorre na maior parte das vezes dentro da sala de aula ou na hora do recreio.

A maioria dos alunos pesquisados declaram que possui um ciclo de amizade na escola este fator é um forte aliado na luta contra o bullying, pois segundo Chalita (2008. p. 258) “ A amizade transformada em valor. Entretanto, se é possível abrir espaços e oportunidades para a aprendizagem, não há razões para manter no obscurantismo uma parte significativa da raça humana. Se existe luz, por que deixar as pessoas na escuridão?” Por isso o estímulo o desenvolvimento das relações interpessoais é um forte aliado contra o bullying dentro das escolas.

Nos pontos 5.14 e 5.15 foi observado que muitos alunos entram na dinâmica do bullying para se defenderem e não se transformarem nas vítimas típicas, é inegável que o bullying é e sempre foi um grande problema nas escolas e por muito tempo ele foi ignorado por todos da comunidade escolar, felizmente esta realidade está mudando, pois estudiosos tem alertado a todos sobre o perigo de não se combater o bullying dentro das escolas. Segundo Fante, (2005, p. 209) “Para alcançarmos êxito na redução da violência, precisamos primeiramente, conquistá-la na escola, por ser lá que os primeiros sinais de violência se manifestam entre os alunos. Devido ao seu poder propagador e multiplicador, a escola deve ensinar os alunos a lidarem com suas emoções para que não se envolvam em comportamentos violentos, transformando-os em agentes disseminadores de uma cultura da paz que se estenda aos seus demais contexto de vida.”

A intervenção é uma poderosa arma em favor do desenvolvimento das relações interpessoais e para que estas se desenvolvam de forma sadia e equilibrada dentro do contexto escolar, cabe aos educadores e psicopedagogos a influenciarem aos

seus alunos e paciente a desenvolverem dentro do seus relacionamentos o respeito e a tolerância.

7.Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Laurinda Ramalho. PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. Relações interpessoais em sala de aula e desenvolvimento pessoal do aluno e professor. **As relações interpessoais na formação de Professores**, São Paulo: edições Loyola, 2004.

ANTUNES, Misunko Aparecida Makino. MEIRA, Marisa Eugênia Milillo. Org. Construindo uma concepção crítica de Psicologia Escolar: Contribuições de Pedagogia Histórico- Crítica e da Psicologia Sócio –Histórica. **Psicologia escolar: teorias críticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo . 2003.

ARANTES, Valéria Amorim org. Aprender a viver, **Educação e Valores: pontos e contrapontos**, São Paulo: Summus, 2007.

ARRIETA, Gricelda Azevedo et. al org, A violência escolar, **A violência na escola: a violência na contemporaneidade e seus reflexos na escola**, Canoas: Ed. ULBRA, 2000.

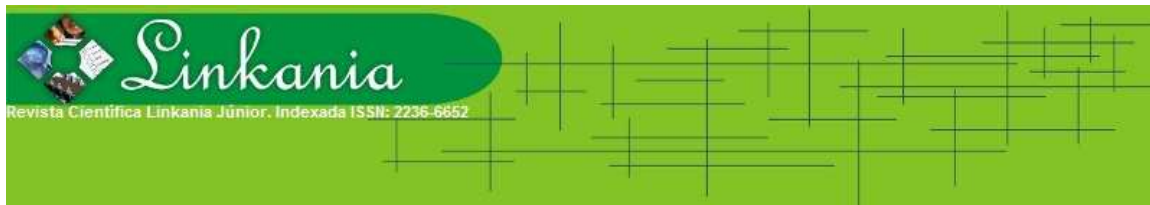
BOSSA, Nadia A. A Configuração Clínica de Prática psicopedagógica. **A psicopedagogia no Brasi: contribuições a partir de prática**, 3º ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CALSA, Geiva Carolina, **Intervenção psicopedagógica e problemas aritméticos no Ensino Fundamental. Net**. Campinas- SP: 2002 disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000246921> acessado dia 23 de janeiro de 2010.

CARVALHO, Antônio Vieira, O trabalho em grupo como meio de aprendizagem organizacional, **Aprendizagem organizacional em tempos de mudança**, revisão. Janice Yunes Perim. São Paulo: Pioneira, 1999.

CAVALCANTE, Meire. Como Lidar Com BRINCADEIRAS que Machucam a Alma. **Nova Escola**. São Paulo, Editora Abril, Ano XIX Nº. 178 p. 58 a 61. Dezembro 2004.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da amizade- bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores**, São Paulo: Editora Gente, 2008.



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 1 - Nº 1 – Setembro/Outubro - 2011

CIASCA, Sylvia Maria, org. A psicopedagogia nos Distúrbios de aprendizagem. In .: **Distúrbios de aprendizagem: proposta de avaliação interdisciplinar**, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

CURY, Augusto Jorge, A metodologia e os procedimentos usados na construção da teoria da inteligência multifocal, **Inteligência Multifocal: análise de construção dos pensamentos e da formação dos pensadores**, São Paulo: CULTRIX, 1998.

EISEN, Andrew R. ENGLER, Linda B. **Timidez: como ajudar seu filho a superar problemas de convívio social**. Trad. Lorency Scavazzini. São Paulo: Editora Gente, 2008.

FANTE, Cleo, **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz/ 2º ed**, Campinas: Verus editora, 2005.

FRANCISCO, Marcos Vinicius, LIBORIO, Renata Maria Coimbra. **Um estudo sobre bullying entre escolares do ensino fundamental**. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 2009, vol.22, n.2, pp. 200-207. ISSN 0102-7972. Acessado dia 10 de janeiro de 2010.

FRANZEN, Gelson, **Bullying**, 2008, <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1025> acessado dia 22 de agosto de 2008.

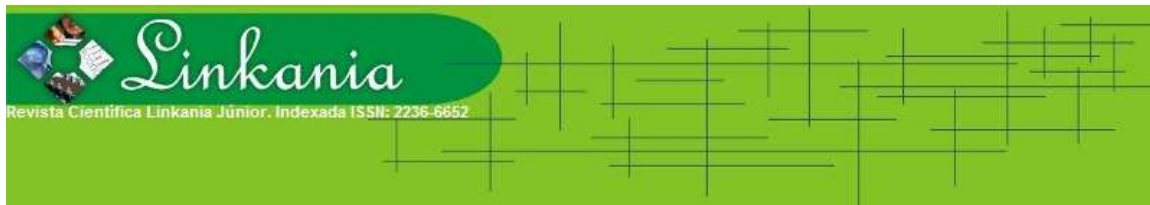
FREITAS, Maria Luisa de Lara Unzun, **A função simbólica como um meio para avaliação e intervenção em atendimentos psicopedagógicos: um estudo de caso**, Campinas- SP junho 2006, disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000404164> acessado em 23 de janeiro de 2010.

FRITZEN, Silvino José. **Relações Humanas Interpessoais: (nas convivências grupais e comunitárias)**. 14. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002. P. 22 a 211.

GOULART, Íris Barbosa, SAMPAIO, Jader dos Reis org. **Psicologia do trabalho e gestão de recursos humanos: estudo contemporâneos**, São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

HAMILTON, Maggie. **O que os homens não revelam mas você precisa saber**. Trad. Kanji Editoração e Casallarte. São Paulo: Globo 2007.

LURDES, Valéria, **Jogo informatizado em situação de intervenção: estudo de possíveis efeitos sobre a capacidade de raciocínio em crianças com** www.linkania.org



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 1 - Nº 1 – Setembro/Octubre - 2011

dificuldades de aprendizagem. Net, Campinas, julho 1998: disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000317289> acessado dia 23 de janeiro de 2010.

MONTEIRO, Lauro. **Programa de Redução do Comportamento Entre Estudantes**, Rio de Janeiro, 2006. <http://www.observatoriodainfancia.com.br/> Acessado em 23 de Outubro de 2007.

RIERA, Michel. **Filhos adolescentes um jeito diferente de lidar**. Trad. Sonia Augusto. São Paulo: Summus, 1998.

SOLÉ, Isabel, **Orientação Educacional e Intervenção Psicopedagógica**, trad. Beatriz Affonso Neves, Porto Alegre: ARDMED Editora, 2001.

VINHA, Telma Pillegi, **Os conflitos interpessoais na relação educativa**. Campinas-SP, 2003. Disponível em <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000295335> acessado dia 03 de fevereiro de 2010.